Publicamos aqui o conto "Orelhas" com autorização do autor, **Seno Gumira Ajidarma**. A tradução de indonésio para português foi feita por **João Paulo T. Esperança**, que está actualmente a traduzir o livro "Saksi Mata" na sua totalidade. A ilustração é de **Agung Kurniawan**, como todas as da edição indonésia da obra.

Orelhas

"Conta-me uma história sobre crueldade," disse Alina ao contador de histórias.

Então o contador de histórias começou a contar uma história sobre orelhas.

Num belo dia a Dewi recebeu uma encomenda do seu namorado que estava a cumprir o dever no campo de batalha. Esta encomenda era um envelope castanho. Quando a Dewi o abriu, viu uma orelha amputada. Era uma orelha grande, uma excelente orelha da qual ainda não tinha secado o sangue. Havia uma nota do seu namorado dentro do envelope.

Envio esta orelha para ti Dewi, como recordação do campo de batalha. Esta é a orelha de alguém suspeito de ser espião do inimigo. Nós normalmente cortamos mesmo as orelhas às pessoas suspeitas, como aviso sobre o risco que correm aqueles que se atreverem a incitar à revolta. Recebe esta orelha, só para ti, envio-ta aqui de longe porque tenho muitas saudades tuas. Todas as vezes que olhares para esta orelha, lembra-te de mim aqui sozinho. Cortar orelhas é o meu único entretenimento.

A Dewi foi logo pendurar a orelha no quarto de hóspedes. Quando o vento soprava através da janela e da porta, a orelha pendurada com um fio oscilava suavemente.

As visitas que apareciam perguntavam sempre.

"De quem é esta orelha?"

E a Dewi respondia sempre.

"Oh, essa é a orelha de uma pessoa suspeita de ser espião do inimigo, o meu namorado mandou-ma do campo de batalha como recordação."

Às vezes, quando a Dewi sentia saudades do namorado, ficava a olhar fixamente a orelha sozinha à noite. O sangue daquela orelha ainda não tinha secado, ainda estava húmido, de tal forma húmido que às vezes pingava para o chão. A Dewi de vez em quando também sentia que a orelha a modos que estava ainda viva, e imóvel, como se ainda pudesse ouvir as vozes nas redondezas.

"Esta orelha de espião, hã!...", pensava a Dewi, "gostaria de continuar de ouvido à escuta."

Todas as manhãs, depois de acordar, a Dewi esfregava o chão do quarto de hóspedes que ficava vermelho por causa do sangue que pingava da orelha. Não era muito na verdade, mas para o chão de mármore branco brilhante, claro que estas gotas de sangue encarnado eram suficientes para incomodar.

"Põe só um balde por baixo," aconselhou-a a mãe, "Para quê esfregar todos os dias o sangue de um inimigo?"

"Não faz mal, eu gosto de o fazer," respondeu a Dewi.

Enquanto esfregava o chão, a Dewi gostava de olhar para a orelha que parecia mover-se. Esta orelha era como uma antena capaz de captar quaisquer mensagens espalhadas no vento.

"Se calhar ela ouviu alguma vez algo de que não deveria ter tido conhecimento," pensou a Dewi.

Mas de que forma é que nós podemos não ouvir as vozes?

A Dewi escreveu uma carta ao seu namorado.

A orelha que tu enviaste já a recebi em boas condições. Até agora o sangue dela continua a gotejar. Eu acho que esta recordação do campo de batalha é uma coisa extraordinária. Pendurei a orelha na sala de visitas e as visitas admiram-na. Fico muito comovida por tu ainda te lembrares de mim aí no tumulto do campo de batalha. Tu certamente estás muito cansado a combater todos os dias e a disparar contra os inimigos até eles morrerem. É uma sorte que pelo menos possas entreter-te a cortar as orelhas das pessoas suspeitas. Eu nem posso imaginar como seria na hipótese de não haver pessoas suspeitas a quem cortar as orelhas. Ficarias mesmo numa situação de aborrecimento. Meu namorado, meu querido, agradece a Deus por te ser dada a oportunidade de cortar orelhas das pessoas. Senão ficarias mesmo à rasca. Acredita que sinto muito orgulho em ti. Fiquei muito contente por receber a tua encomenda.

PS: Mas qual é o método para que as pessoas cujas orelhas foram cortadas não possam ouvir as vozes?

Depois disto quase todos os dias a Dewi recebia uma encomenda de orelhas do seu namorado. Às vezes uma, às vezes duas, uma vez um cesto delas. Continha talvez mais de 50 orelhas. A Dewi colocou as orelhas em exibição por todo o lado. Na sala de visitas estavam suspensas do candeeiro de cristal, penduradas nas portas e janelas, coladas nas paredes, até colocadas em ambos os lados do número da casa, da caixa de correio, e da placa com o nome dos pais. Quando as encomendas de orelhas continuaram a vir, a Dewi fez portachaves, enfeites para a pasta, broches e brincos. As orelhas dela usavam brincos de orelha!

"Há aqui orelhas aos montes," disse uma colega da escola.

"Presentes do meu namorado no campo de batalha," a Dewi respondeu com orgulho.

"O teu namorado deve andar mesmo ocupado a cortar estas orelhas. Bolas! São carradas delas!"

"Eu ainda tenho muitas se tu quiseres."

"Quero! Quero!"

Apesar de as orelhas ainda gotejarem sangue, a amiga dela quis levar um cesto delas. Era verdade que havia demasiadas orelhas na casa da Dewi, mas evidentemente ela não queria deitar fora o produto do esforço do seu namorado no campo de batalha. A mãe dela já tinha pensado em secá-las ao sol e depois fritá-las, quem sabe se não teriam um bom sabor e poderiam ser vendidas. Tantas eram as encomendas de orelhas, uma verdadeira corrente, que até faziam a Dewi pensar às vezes que todas as pessoas encontradas pelo seu namorado no campo de batalha eram pessoas consideradas suspeitas.

Ela escreveu mais uma carta.

As encomendas de orelhas que tu cortaste das pessoas suspeitas chegaram todas em boas condições. Muito obrigada. Coloquei-as todas em lugares onde podem ser vistas pelas pessoas. Todas as vezes que as visitas perguntam de onde vêm estas orelhas, eu respondo do meu namorado no campo de batalha, que as cortou das cabeças de pessoas suspeitas. Eles todos têm muito orgulho em ti meu querido. Deve ser pesado o teu trabalho de cortar as orelhas de tanta gente todos os dias. Suponho que seja este o motivo pelo qual não tiveste oportunidade de responder à minha última carta. Mas fico contente de receber estas encomendas de orelhas. Só tenho medo que este trabalho de cortar orelhas já não dê conforto ao teu coração solitário. Reza a Deus para que o teu corpo e o teu espírito continuem salvos.

PS: Eu estou um bocado admirada, porque é que tanta gente é considerada suspeita, e também me pergunto muitas vezes, de que forma é que as pessoas a quem foram cortadas as orelhas já não ouvem as vozes?

Lá longe no campo de batalha o namorado da Dewi estava ocupado a massacrar gente. Todos os soldados enviados para o campo de batalha estavam muito ocupados porque toda a gente estava activa na resistência. Todos eram inimigos e todos eram considerados suspeitos. Revoltas surgiam em todos os cantos. Os rebeldes sussurravam o espírito da luta até às orelhas dos bebés ainda no ventre.

De um búnquer, o namorado da Dewi escreveu-lhe uma carta.

Desculpa-me Dewi, por ter demorado tanto e só agora poder responder à tua carta. É melhor eu contar-te o quão ocupados nós andamos a combater as vozes que incitam à revolta. Se o inimigo nos vem atacar, basta-nos esperar e disparar. Mas as vozes espalham-se no vento sem som, de maneira que nós nunca sabemos realmente quem é que já as pode ter ouvido. É como se todas as pessoas pudessem de repente mudar e tornar-se rebeldes. Nós nunca poderemos saber quem é inimigo e quem é amigo, somos forçados a massacrá-los todos. Tu perguntaste uma coisa que há muito tempo nós perguntámos a nós mesmos: de que forma é que podemos evitar que as pessoas a quem cortámos as orelhas ouçam as vozes? Nós não sabemos Dewi, principalmente se as vozes forem silenciosas. Portanto, concordámos em cortar simplesmente as cabeças das pessoas suspeitas. O que podemos fazer? Destas cabeças é que eu corto as orelhas que te envio. Podes imaginar como andamos ocupados. Nós não cortamos só as orelhas, temos que decepar também as cabeças. Por este motivo Dewi é que eu não tive tempo de responder à tua carta. Espero que compreendas.

PS: Gostarias também de receber algumas cabeças sem orelhas como recordações do campo de batalha? Vou-te mandar uma só como amostra, porque se eu te enviasse todas as cabeças que já decepei, tenho receio que deixaria de haver lugar para ti onde escrever cartas.

"Fim!" o contador de histórias terminou a sua história.

"Como era cruel esse namorado da Dewi," declarou Alina ao contador de histórias.

Ao que o contador de histórias respondeu.

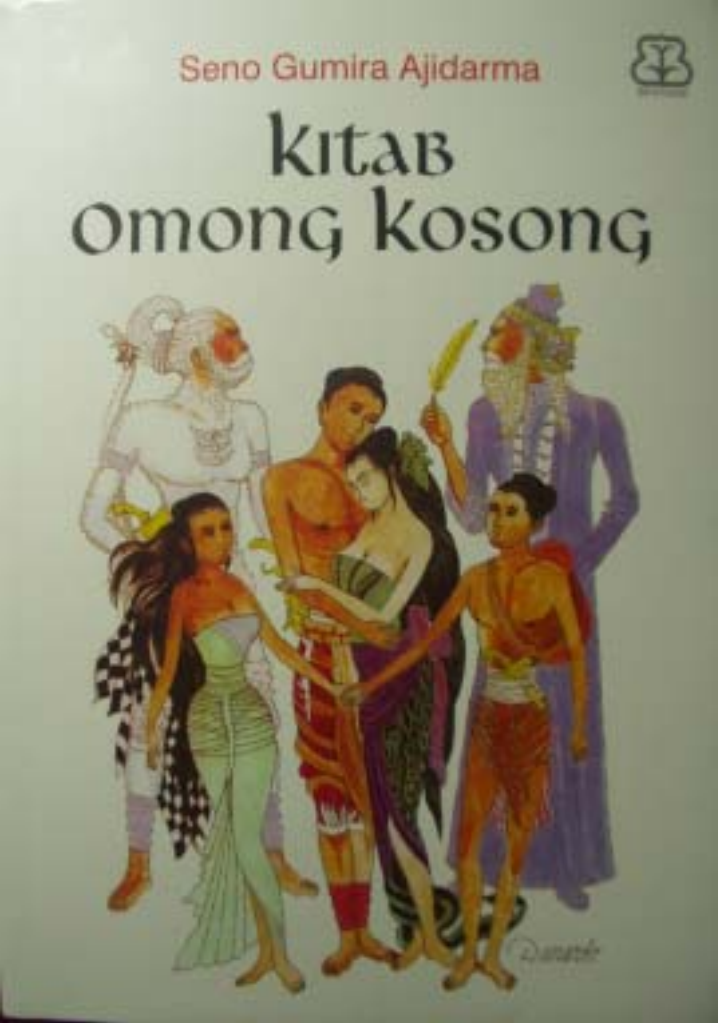
"Mas muitas pessoas consideram-no um herói." •

Jacarta, 21 de Julho de 1992

Sobre *Seno Gumira Ajidarma*

O livro *Testemunha Ocular*, de Seno Gumira Ajidarma, é uma obra que causará arrepios a qualquer timorense que a leia ao pensar nos sofrimentos e dificuldades que o nosso povo suportou durante a ocupação indonésia. Cada um dos contos refere-se a um aspecto deste sofrimento. O autor era antigamente jornalista na revista *Jakarta Jakarta* e quando os militares indonésios assassinaram muitos jovens no Massacre de Santa Cruz em 12 de Novembro de 1991 ele teve a coragem de escrever nesta revista sobre o que aconteceu. O resultado foi ser convocado pelos chefes e interrogado, e depois retirado das funções que exercia. Isto levou-o a começar a escrever uma série de pequenas histórias que foi publicando em jornais indonésios a fim de dar a conhecer a realidade de Timor-Leste. Mais tarde reuniu estes contos num livro que uma pequena editora chamada Bentang Budaya publicou. Esta editora procurava então dar voz a escritores que tinham uma atitude crítica em relação ao regime da *Orde Baru* [Ordem Nova] de Suharto. O livro já teve duas edições e quatro tiragens.

Seno faz parte de uma geração nova na literatura indonésia, junto com autores como Afrizal Malna, Nirwan Dewanto, Danarto, Y.B. Mangunwijaya, Toeti Heraty e Ayu Utami, que procuram trilhar caminhos novos na escrita. Ele publicou já muitos livros, entre os quais se contam *Atas Nama Malam*, *Wisanggeni – Sang Buronan*, *Sepotong Senja untuk Pacarku*, *Biola tak berdawai* e *Negeri Senja*. Há duas outras obras de que ele foi autor que têm Timor como assunto, que eu pretendo traduzir também. Uma intitula-se *Ketika jurnalisme dibungkan, sastra harus bicara*, que é um conjunto de ensaios sobre a falta de liberdade de imprensa na Indonésia, outra chama-se *Jazz, Parfun, dan Insiden* e é um romance algo experimentalista que também fala sobre o Massacre de Santa Cruz.

*Texto original em tétum de **Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira**, excerto da "Nota da tradutora" no livro* Sasin-Matan *que será publicado brevemente em Timor. Este trecho foi traduzido do tétum por J.P. Esperança. Além de ter traduzido o livro* "Saksi Mata"*, Triana Oliveira está actualmente a traduzir para tétum a colecção de ensaios* Ketika Jurnalime Dibungkam, Sastra Harus Bicara.

Kona-ba *Seno Gumira Ajidarma*

Livru *Sasin-Matan* ida-ne'e, Seno Gumira Ajidarma nian, hanesan livru ida ne'ebé la iha timoroan ida ne'ebé bele lee no ninia fulun la hamriik tanba hanoin kona-ba terus no susar ne'ebé ita-nia povu tahan durante okupasaun indonézia nia laran. Istória ida-idak kona-ba aspetu ruma husi terus hirak-ne'e. Nia hakerek-na'in uluk jornalista iha revista *Jakarta Jakarta* ne'ebé bainhira tropa indonézia oho foin-sa'e barak iha Masakre Santa Krús iha 12 Novembru 1991 barani atu hakerek iha ninia revista kona-ba buat ne'ebé akontese. Nu'udar rezultadu, revista ne'e nia boot sira bolu nia atu litik nia no hasai fali nia husi nia serbisu. Tanba ne'e hahú hakerek istória badak barak ne'ebé depois nia publika iha jornál indonéziu oioin ho objetivu atu fó-hatene kona-ba realidade Timór Lorosa'e nian. Tuirmai nia halibur istória hirak-ne'e iha livru ida ne'ebé editora ki'ikoan naran Bentang Budaya maka publika. Editora ne'e buka fó lian ba hakerek-na'in oioin ne'ebé dala barak ko'alia hasoru rejime *Orde Baru* Suharto nian. Nia livru ne'e hetan tiha ona edisaun rua no tirajen haat.

Seno hola parte iha jerasaun foun iha literatura indonézia, hamutuk ho ema hanesan Afrizal Malna, Nirwan Dewanto, Danarto, Y.B. Mangunwijaya, Toeti Heraty no Ayu Utami, ne'ebé buka atu la'o dalan foun iha sira-nia knaar hakerek ne'e. Nia publika tiha ona livru barak hanesan porezemplu *Atas Nama Malam*, *Wisanggeni – Sang Buronan*, *Sepotong Senja untuk Pacarku*, *Biola tak berdawai* no *Negeri Senja*. Iha livru rua tan ne'ebé nia hakerek ho Timór nu'udar asuntu, ne'ebé ha'u hakarak atu tradús ba oin. Ida naran *Ketika jurnalisme dibungkan, sastra harus bicara*, ne'ebé kolesaun-ensaiu ida kona-ba liberdade-imprensa ne'ebé lakon iha Indonézia, ida seluk *Jazz, Parfun, dan Insiden*, hanesan romanse esperimentalista uitoan ne'ebé mós ko'alia kona-ba Masakre Santa Krús.

*Testu husi **Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira**, ne'ebé parte husi "Nota husi tradutora" iha livru* Sasin-Matan *ne'ebé sei hetan publikasaun ba kleur iha Timór Lorosa'e. Aleinde tradús tiha livru "Saksi Mata", Triana Oliveira agora tradús daudaun kolesaun-ensaiu* Ketika Jurnalime Dibungkam, Sastra Harus Bicara *ba lia-tetun.*

O livro mais recente de Seno G. Ajidarma

Dados do livro *"Saksi Mata"*

O livro *Saksi Mata* foi publicado pela Bentang Budaya em 1994. A obra foi bem recebida pelo público e nos meios literários, e recebeu o *Penghargaan Penulisan Karya Sastra* 1995 (um prémio literário) do *Pusat Pembinaan dan Pengembangan Bahasa Departemen Pendidikan dan Kebudayaan* [Centro para a Construção e Desenvolvimento da Língua do Departamento de Educação e Cultura]. Os contos incluídos na primeira edição de *Saksi Mata* (1-13) foram traduzidos para inglês por Jan Lingard, em parceria com Bibi Langker e Suzan Piper, e publicados como livro com o título *Eyewitness* (Sydney: ETT Imprint, 1995). A tradução em inglês ganhou o prémio de tradução *Dinny O'Hearn Prize for Literary Translation* no ano de 1997 no Premier's Literary Award. A Timor Aid vai publicar a tradução em tétum, de Triana de Oliveira. João Paulo Esperança está actualmente a traduzir o livro de indonésio para português.

Kona-ba istória *Tilun* ne'e

Istória ida-ne'e, ho títulu orijinál "Telinga", publika primeiru iha jornál-diáriu *Kompas*, 9 Agostu 1992. Publika fila fali iha *Pelajaran Mengarang* (Istória badak ne'ebé hili husi *Kompas* 1993). Tradús ba lia-inglés husi Riana Puspasari, publika fila fali ho naran "Ears" iha *The Jakarta Post*, 1994. Tradús fila fali ba lia-inglés husi Jan Lingard, no publika ho naran "Ears" iha *Inside Indonesia*, June 1995. Autór Seno Gumira Ajidarma hakerek iha *Ketika Jurnalisme Dibungkam Sastra Harus Bicara* (Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 1997): «*Iha notísia ne'ebé hakerek iha revista* Jakarta Jakarta *dehan katak Governadór Timór Lorosa'e nian Mário Viegas Carrascalão iha Outubru 1991 nia rohan "*simu mane-klosan na'in-haat iha ninia eskritóriu. Na'in-rua husi sira na'in-haat ne'e, sira-nia tilun ema ko'a tiha ona*". Imajen vizuál husi fraze ne'e belit hela de'it iha ha'u-nia ulun-fatuk, to'o hamoris mai istória badak* Tilun *ne'e*.»

Sobre o conto *Orelhas*

Este conto, com o título original "Telinga", foi publicado pela primeira vez no diário indonésio *Kompas*, em 9 de Agosto de 1992. Foi novamente publicado em *Pelajaran Mengarang* (Contos seleccionados do jornal *Kompas* em1993). Foi traduzido para inglês por Riana Puspasari, e publicado com o título "Ears" em *The Jakarta Post*, em 1994. Traduzido novamente para a língua inglesa por Jan Lingard, foi publicado com o título "Ears" na revista *Inside Indonesia*, Junho 1995. O autor Seno Gumira Ajidarma escreveu em *Ketika Jurnalisme Dibungkam Sastra Harus Bicara* [Quando o Jornalismo é Silenciado a Literatura Deve Falar] (Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 1997): «*Segundo relatado na revista* Jakarta Jakarta, *em finais de Outubro de 1991 o Governador de Timor Oriental Mário Viegas Carrascalão* "recebeu quatro jovens no seu escritório. A dois destes jovens haviam sido cortadas as orelhas*". A imagem visual desta frase ficou-me gravada na cabeça, até fazer nascer este conto* Orelhas.»

Dadus husi livru *"Saksi Mata"*

Livru *Saksi Mata* publika husi Bentang Budaya iha tinan 1994. Livru ne'e hetan resesaun ne'ebé di'ak husi komunidade, no hetan *Penghargaan Penulisan Karya Sastra* 1995 (Prémiu Literatura nian) husi *Pusat Pembinaan dan Pengembangan Bahasa Departemen Pendidikan dan Kebudayaan*. Istória hotu-hotu iha *Saksi Mata* Edisaun Dahuluk (1-13) hetan tradusaun ba lia-inglés husi Jan Lingard, hamutuk ho Bibi Langker no Suzan Piper, no publika nu'udar livru ho títulu *Eyewitness* (Sydney: ETT Imprint, 1995). Iha tradusan ba lia-inglés, livru ne'e hetan *Dinny O'Hearn Prize for Literary Translation* (Prémiu Tradusaun nian) iha tinan 1997 iha Premier's Literary Award. Timor Aid atu publika nia tradusaun ba tetun, husi Triana de Oliveira. João Paulo Esperança halo daudaun tradusaun husi lia-indonézia ba portugés.

Ami publika istória “Tilun” ida-ne’e ho autorizasaun husi nia hakerek-na’in, **Seno Gumira Ajidarma**. **Triana Côrte-Real de Oliveira** maka halo tradusaun ba lia-tetun. Ninia tradusaun husi livru tomak “Saksi Mata” sei hetan publikasaun iha Dili husi organizasaun la-governamentál Timor Aid. Dezeñu ne’ebé mosu iha-ne’e **Agung Kurniawan** nian, hanesan mós sira hotu ne’ebé mosu iha edisaun indonézia husi livru ne’e.

Tilun

“KONTA lai istória mai ha’u kona-ba krueldade,” dehan Alina ba istória-na’in ne’ebá.

Entaun istória-na’in ne’ebá komesa konta istória kona-ba tilun.

Iha loron ida ne’ebé kmanek, Dewi hetan prezente hosi ninia namoradu ne’ebé servisu hela iha rai-funu nia laran. Prezente ne’e envelope kór-kafé ida. Bainhira Dewi loke envelope ne’e, nia haree tilun pedasuk ida. Tilun ida be boot, kapás no ninia raan seidauk maran. Iha nota hosi nia namoradu iha envelope laran ne’ebá.

Ha’u haruka tilun ne’e ba ó Dewi, nu’udar rekordasaun hosi rai-funu nia laran. Ne’e tilun ema ida nia ne’ebé ami deskonfia hanesan mauhuu inimigu. Ami toman ko’a tilun ema hirak ne’ebé ami deskonfia, nu’udar avizu ba risku ne’ebé sira hetan kuandu halo revolta. Simu bá tilun ne’e, ba ó de’it, ha’u haruka hosi rai dook tanba ha’u iha saudades ba ó. Bainhira haree tilun ne’e, hanoin mai ha’u an be mesamesak. Ko’a tilun maka buat ida de’it hodi pasatempu.

Dewi hafoin tara tilun ne’ebá iha sala-vizita. Se anin huu liuhosi janela no odamatan, tilun ne’ebé tara ho viola-talin ida ne’e book an neineik.

Bainaka sira ne’ebé mai sempre husu beibeik.

“Sé-nia tilun mak ne’e?”

No Dewi sempre hatán.

“Oh, ne’e tilun husi ema ne’ebé deskonfia hanesan mauhuu inimigu, ha’u-nia namoradu haruka mai hosi rai-funu nia laran nu’udar rekordasaun.”

Dala ruma, bainhira Dewi iha saudades ba nia namoradu, nia haree ba tilun ne’ebá mesak de’it iha kalan-boot laran. Raan iha tilun ne’e seidauk maran de’it, sei bokon, bokon loos to’o dala ruma turu ba rai. Dala balu Dewi mós sente tilun ne’e hanesan sei moris, no book an bá-mai, hanesan sei bele rona lian hirak iha nia sorin-sorin.

“Be mauhuu nia tilun,” Dewi hanoin, “ hakarak see-tilun beibeik.”

Dadeer-dadeer, hadeer hotu tiha, Dewi hamoos rai sala-vizita ne’ebé sai mean tanba raan ne’ebé turu-turu hosi tilun ne’ebá. Maski tuir loloos ladún barak, maibé turu ba rai mármore ne’ebé mutin nabilan, konserteza raan sulin mean ne’e hafo’er ona.

“Tau de’it balde iha nia okos,” nia inan fó-konsellu, “Paraké loroloron hamoos raan inimigu nian.”

“La buat ida, ha’u gosta halo,” Dewi hatán.

Enkuantu hamoos hela rai, Dewi gosta haree ba tilun ne’ebé hanesan book an bá-mai ne’e. Tilun ne’e hanesan antena ne’ebé bele kaer lia-tatoli naran ida ne’ebé namkari iha anin.

“Karik nia rona tiha ona buat ruma ne’ebé tuir loloos nia labele hatene,” Dewi hanoin.

Maibé hanu’usá maka ita bele la rona lian hirak ne’e?

Dewi hakerek surat ba nia namoradu.

Tilun ne’ebé ó haruka mai ha’u simu ona didi’ak. To’o agora ninia raan sei turu-turu. Ha’u hanoin rekordasaun hosi rai-funu nia laran ne’e buat ida ne’ebé estraordináriu. Tilun ne’e ha’u tara iha sala-vizita laran no bainaka sira admira. Ha’u laran-kraik loos tanba ó sei hanoin ha’u iha rai-funu nia laran ne’ebé rame ne’ebá. Ó kala kole tebes funu loroloron no tiru inimigu sira to’o mate. Sorte ó sei iha distrasaun ko’a tilun ema sira ne’ebé imi deskonfia. Ha’u labele imajina se karik la iha ema sira ne’ebe imi deskonfia no bele ko’a sira-nia tilun. Ó sei mesamesak duni. Ha’u-nia namoradu, ha’u-nia doben, agradese ba Maromak tanba Nia sei fó oportunidade ba ó hodi ko’a ema nia tilun. Selae ó sei laran-susar loos. Fiar katak ha’u sente orgullu loos ba ó. Ha’u haksolok tebes simu ó-nia prezente ne’e.

PS: Maibé halo hanu’usá mak ema hirak ne’ebé sira-nia tilun ko’a tiha ona ne’e sei la rona lian?

Liutiha ne’e kuaze loroloron Dewi simu prezente tilun hosi nia namoradu. Dala ruma ida, dala balu rua, dala ida bote tomak ida. Iha tilun 50 liu karik iha bote laran. Dewi tau tilun ne’e iha fatin hotu-hotu. Iha sala-vizita tilun ne’e tabelen iha lámpada kristál nia okos, tara iha odamatan no janela, taka iha didin-lolon, tau mós iha sorin karuk i sorin kuanan númeru uma nian, kaixa-korreiu, no iha plaka-naran ninia inan-aman nian. Bainhira prezente tilun ne’e sei mai ba nafatin, Dewi halo portaxave, dekorasaun ba pasta, broxe no brinkus. Ninia tilun mós uza brinkus tilun!

“Barak loos tilun iha-ne’e,” dehan ninia kolega-eskola ida.

“Prezente hosi ha’u-nia namoradu iha rai-funu laran,” Dewi hatán ho orgullu.

“Ó-nia namoradu kala okupadu loos ko’a tilun hirak-ne’e. Posa-pá! Barak lahalimar!”

“Ha’u sei iha barak se ó hakarak.”

“Hakarak! Hakarak!”

Maski tilun hirak ne’ebá sei raan turu, nia kolega ne’e hakarak lori bote ida. Tebes katak tilun iha Dewi nia uma barak demais, maibé konserteza Dewi lakohi soe kolen nia namoradu nian iha rai-funu laran ne’ebá. Nia inan iha hanoin ruma kona-ba tilun hirak-ne’e atu habai tiha depois maka sona de’it, sé mak hatene karik gostu no bele fa’an. Prezente tilun ne’e barak loos, suli hanesan bee, tan ne’e Dewi hanoin karik ema hotu-hotu ne’ebé nia namoradu hasoru iha rai-funu laran ne’ebá ema sira hotu ne’ebé merese duni atu deskonfia.

Nia hakerek surat tan.

Prezente tilun hirak ne’ebé ó ko’a sai hosi ema sira ne’ebé imi deskonfia ha’u simu tiha ona didi’ak. Obrigada barak. Ha’u tau hotu iha fatin ne’ebé ema bele haree. Bainhira bainaka sira husu tilun hirak-ne’e mai hosi ne’ebé, ha’u hatán hosi ha’u-nia namoradu iha rai-funu laran, ne’ebé ko’a tilun hirak-ne’e hosi ulun-fatuk ema sira ne’ebé sira deskonfia. Sira hotu sai orgullu ba ó ha’u-nia doben. Todan tebes ó-nia serbisu ko’a tilun ema barak hanesan ne’e loroloron. Ha’u hanoin tanba ne’e maka ó mós la biban atu hakerek tan surat mai ha’u, fó-resposta ba ha’u-nia surat ida uluk. Maibé ha’u haksolok simu prezente tilun hirak ne’e. Ha’u ta’uk de’it knaar ko’a tilun ne’e la halo kontente tan ó-nia laran ne’ebé sempre mesamesak. Reza ba Maromak atu ó-nia isin no ó-nia klamar Nia sei salva nafatin.

PS: Ha’u sei admira uitoan, tanbasá ema barak loos maka merese deskonfiansa, no ha’u mós sei hanoin beibeik, hanu’usá maka ema sira ne’ebé sira-nia tilun ko’a tiha ona ne’e sei la rona lian?

Iha rai-funu laran dook ne’ebá Dewi nia namoradu okupadu oho hela ema. Soldadu hotu ne’ebé haruka ba rai-funu laran ne’ebá sai okupadu tiha ona loos tanba ema hotu-hotu halo rezisténsia. Ema hotu-hotu sai inimigu no ema hotu-hotu merese atu deskonfia. Revolta lakan iha fatin hotu. Rebelde sira bisu-bisu espíritu luta nian to’o mós ba tilun kosok-oan sira ne’ebé sei iha kabun-laran.

Hosi fatin sara-an nian ida, Dewi nia namoradu hakerek surat.

Ha’u husu deskulpa Dewi, se kleur loos ona maka ha’u foin responde ó-nia surat agora. Ha’u sei konta ba ó katak ami okupadu loos funu hasoru lian hirak ne’ebé hala’o revolusaun. Se inimigu mai ataka, ami tiru de’it. Maibé lian hirak-ne’e semo bá-mai iha anin laiha son, tan ne’e ami sei nunka hatene sé maka rona karik tiha ona. Ema hotu-hotu hanesan tekitekir de’it bele muda sai rebelde. Ami sei nunka bele hatene sé maka amigu sé maka inimigu, ho laran-todan ami tenke oho hotu. Ó husu buat ida ne’ebé kleur ona sai pergunta mai ami: hanu’usá maka ema sira ne’ebé sira-nia tilun ko’a tiha ona ne’e sei la rona lian? Ami la hatene Dewi, no lian hirak-ne’e ho son ka lae. Nune’e, ami akordu hodi tesi de’it ulun-fatuk ema sira ne’ebé ami deskonfia. Dehan tan saida. Hosi ulun-fatuk hirak-ne’e maka ha’u ko’a tilun hirak-ne’ebé ha’u haruka ba ó. Imajina to’ok ami okupadu oinsá iha-ne’e. Ami la ko’a de’it tilun, ami tenke tesi ulun-fatuk. Tanba ne’e Dewi, maka ha’u la iha tempu hodi hatán ó-nia surat. Ha’u espera katak ó bele komprende.

PS: Ó mós hakarak ulun-fatuk hirak ne’ebé laiha ona tilun ne’e nu’udar rekordasaun hosi rai-funu laran? Ha’u sei haruka ida de’it uluk hanesan ezemplu, tanba se ha’u haruka ulun-fatuk hotu ne’ebé ha’u tesi tiha ona, ha’u ta’uk se la iha tan fatin ba ó hodi hakerek surat.

“Hotu ona!” istória-na’in ne’e remata ninia istória.

“Laran-aat loos, Dewi nia namoradu ne’e,” Alina dehan ba istória-na’in.

Istória-na’in ne’e mós hatán.

“Maibé ema barak maka konsidera nia hanesan eroi.” •

Jakarta, 21 fulan-Jullu 1992

Triana de Oliveira, tradutora de Seno Gumira Ajidarma para tétum